

www.ines.gov.br/coines

COINES



**CONGRESSO
INTERNACIONAL
E SEMINÁRIO
NACIONAL
DO INES**



A EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES: UM OLHAR PARA A INCLUSÃO DOS SURDOS

LUCIANE CRUZ SILVEIRA

Mestre em
Diversidade e
Inclusão pela
Universidade Federal
Fluminense (UFF) em
2015. Professora de
Libras do INES.

CLÉVIA FERNANDA SIES BARBOZA

Doutoranda em Ensino de
Bióciências e Saúde (IOC - Fiocruz).
Mestre em Diversidade e Inclusão
pela UFF em 2015. Professora
Bílingue de Educação Física com
Prolibras Tradução e Interpretação
2013 e Ensino da Libras 2015.



APRESENTAÇÃO

Os esportes nos remetem a grandes eventos mundiais, tais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, sendo que este último teve como sede o Brasil em 2016. O estímulo pró-saúde pode e deve ser realizado através dos esportes e das aulas de Educação Física (EF), sendo que, quando falamos de surdos, ocorre a dificuldade devido à ausência de sinais na Língua de Sinais Brasileira (LSB) que pode acarretar o déficit de entendimento dessa área pelos surdos (ex: execução e regras). O trabalho aqui relatado nos remete a discussões e textos elaborados por participantes surdos e ouvintes, com um perfil pré-estabelecido de dominar a LSB, ser atleta, profissional da área ou ter interesse pela temática, dentro do Grupo de Trabalho (GT) Educação Física e Esportes, desenvolvido durante o Congresso do INES, em 2015. Foram três dias de pleno desenvolvimento de um texto final que possibilite demonstrar a importância de neologismos de sinais dentro da área da EF, bem como adaptações plausíveis de serem realizadas pelos professores e profissionais

da área, ofertando plena participação dos surdos no fantástico mundo desportivo. Ainda foi apresentado um glossário contendo os 33 sinais dos esportes olímpicos em Libras, intitulado SurdeSports, oferecendo acessibilidade comunicacional e permitindo que a LSB se torne uma das primeiras línguas de sinais com acesso linguístico a todos os esportes olímpicos.

ARTICULAÇÕES

A surdez, por ser uma deficiência meramente sensorial, não afeta o desenvolvimento físico e motor dos indivíduos (Ferreira, 2011), permitindo que os surdos participem ativamente das aulas de Educação Física e dos esportes. O Congresso do INES, em 2015, trouxe uma nova abordagem com a formação de Grupos de Trabalhos organizados e divididos por temáticas. Esse novo perfil do Congresso permitiu que o público participasse de temáticas relativas ao seu interesse, o que favorece a ampliação de colocações mais pontuais, uma vez que os interessados se inscreveram em uma área pela qual possuíam in-

teresse ou domínio. Os participantes trouxeram questões muito próximas ao que já vem sendo trabalhado para permitir a participação dos surdos nas aulas de EF e Esportes. Questões como falta de neologismos ou registro de sinais, necessidade de adaptação de materiais, domínio de Libras pelos profissionais da área e janelas em Libras foram os tópicos levantados de forma quase unânime.

As Surdolimpíadas são o evento multiesportivo mais antigo depois dos Jogos Olímpicos, tendo sua primeira versão em 1924 em Paris. Os surdos do Brasil e do mundo encontram-se nesse grande espetáculo que ocorre a cada quatro anos e que possui em sua base 20 esportes de verão, que também fazem parte dos 33 esportes olímpicos (ICSD, 2014). Esse dado reflete um interesse concreto em atualização dos surdos para que possam participar de forma ativa dos grandes eventos.

De forma democrática, os participantes colocaram suas opiniões e interesses, bem como as dificuldades encontradas para a participação de surdos nas aulas de EF ou nos Esportes.

Textos foram sendo produzidos com auxílio de textos-base, perguntas norteadoras e esclarecimentos de dúvidas entre os grupos, e, de forma conjunta, o fio foi sendo tecido até ocorrer um fechamento maior com as ideias trazidas pelo público.

Este trabalho teve como objetivo descobrir meios que permitam a inserção do surdo no mundo desportivo e o ensino de Educação Física através dos diferentes olhares oferecidos para a constituição do surdoatleta.

CONSIDERAÇÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES

O formato do GT ofereceu ao coordenador um público mais ativo e participativo. O público inscrito já demonstrava interesse/ participação/domínio no assunto abordado, no caso, Educação Física e Esportes. Este novo formato levou à formação de um grupo seleto e mais específico, que contribuiu de forma intensa. Devido a esse fato, a visão se tornou mais uniforme, permitindo o surgimento de dúvidas e ideias relativas à temática, levando a uma colcha de retalhos

mais fácil de ser construída. As reflexões do GT poderão permitir ao INES o desenvolvimento mais específico de disciplinas, formando uma grade curricular melhor trabalhada por temáticas. Os textos, quando bem

APESAR DO NÚMERO CRESCENTE DE PROFISSIONAIS FORMADOS NA ÁREA DE LETRAS-LIBRAS, MUITOS SINAIS NÃO FORAM CRIADOS E/OU NÃO FORAM REGISTRADOS, LEVANDO À DIFICULDADE DE TRADUÇÃO NA ÍNTEGRA DE MATERIAL NA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LSB.

escritos e coesos, poderão de uma forma mais suscinta facilitar um trabalho multidisciplinar, uma vez que serão de mais fácil entendimento pelos responsáveis designados para os demais temas.

O próprio fato de haver coordenadores que dominam a temática facilitou o acesso e a retirada de dúvidas pelos demais profissionais, alunos, pais e comunidade em geral.

O tema específico do GT - Educação Física e Esportes -, beneficia, de forma clara, uma maior articulação da instituição com a sociedade. A sociedade, através da mídia, principalmente a televisão, oferece aos surdos e ouvintes a possibilidade de desenvolvimento físico e cognitivo, saúde, inclusão social saudável, entre tantos outros benefícios trazidos pela prática esportiva. Apesar da característica visuoespacial da Educação Física, os sinais envolvendo diferentes esportes não existem na LSB. Isso poderia ser justificado pelo fato de os surdos, diante das formações discursivas, expressarem-se e constituírem-se como sujeitos assujeitados, marcados por uma ideologia, sendo, portanto, o reflexo da sociedade na qual estão inseridos, pelos preconceitos e desinformações (Strobel, 2007). Assim, o sujeito surdo pode ser livre para dizer tudo, e participar dos desportos com autonomia, todavia, sempre conti-

nua submetido a essa língua. Ele torna-se assujeitado em função de outrem, ou de um saber, ou da Língua Portuguesa, o que reduz o conhecimento e conceito sobre os sinais da sua língua de sinais em si. Para Orlandi (2005):

...ser assujeitado, significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injustiças ideológicas (ORLANDI, 2005, p.53).

“PERMITIR AO INES O DESENVOLVIMENTO MAIS ESPECÍFICO DE DISCIPLINAS, FORMANDO UMA GRADE CURRICULAR MELHOR TRABALHADA POR TEMÁTICAS.”

Desse modo, é interessante ressaltar que com as conquistas nos cursos de Letras-LIBRAS, cujas disciplinas que envolvem as questões sobre a educação e linguística dos surdos, no caso da Língua de Sinais Brasileira (LSB), motivaram a buscar a sua independência nos discursos e reflexões nas pesquisas da língua de sinais e, posteriormente, a sua inserção na sociedade como profissionais da língua (CERNY, 2009). Assim, com esse crescimento acadêmico da comunidade surda, a análise da sua riqueza linguística e da necessidade da criação de novos sinais, incluindo na área de Educação Física, se torna um processo prenunciado e necessário.

CONCLUSÃO

Apesar do número crescente de profissionais formados na área de Letras-LIBRAS, muitos sinais não foram criados e/ou não foram registrados, levando à dificuldade de tradução na íntegra de material na língua portuguesa para a LSB. Esse fato também pode ser observado na área de Educação Física.

CABE RESSALTAR QUE ESTAMOS VIVENDO UM MOMENTO OPORTUNO PARA A ATUALIZAÇÃO DA LSB A PARTIR DO NEOLOGISMO DE SINAIS PARA OS 33 ESPORTES OLÍMPICOS, COM A PROXIMIDADE DAS OLIMPÍADAS RIO 2016

Os sinais existentes na LSB podem ser classificados como icônicos ou arbitrários. Segundo Strobel e Fernandes (1998), sinais icônicos são “[...] gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] enquanto sinais arbitrários [...] são aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam.” (STROBEL E FERNANDES, 1998, p. 7). Verificamos a dificuldade de ensino através da LSB pela falta de sinais existentes, o que acarreta transtornos para os professores e intérpretes em transmitirem conceitos, o que torna os surdos mais excluídos (RUMJANEK, 2013).

**“O NEOLOGISMO DE SINAIS
DENTRO DA ÁREA
ESPORTIVA FOMENTA A
PRÁTICA INCLUSIVA, NÃO
OBSTANTE, FORNECE
MATERIAL PARA QUE OS
PROFISSIONAIS DA ÁREA SE
TORNEM BILÍNGUES. ESTE É
O INTERESSE MAIOR
DENTRO DESTA ÁREA E NÃO
SOMENTE ADAPTAÇÕES DE
MATERIAIS E MERAS
DEMONSTRAÇÕES
REALIZADAS POR
PROFESSORES E
INTÉRPRETES.”**

Cabe ressaltar que estamos vivendo um momento oportuno para a atualização da LSB a partir do neologismo de sinais para os 33 esportes olímpicos, com a proximidade das Olimpíadas Rio 2016, que será a primeira olimpíada da América do Sul. O Brasil, através do glossário SurdeSportes, poderá ser pioneiro na acessibilidade dos esportes olímpicos à população surda, permitindo, além do entendimento dos esportes pelo uso desses sinais que serão disponibilizados online, também o descobrimento de exímios atletas e a inclusão dos surdos na sociedade através dos desportos.

A democracia é exercida quando ocorre o respeito pela L1 (primeira língua) dos surdos, a Libras. É direito do surdo optar pela sua língua materna segundo a Lei 10.436/02 e o Decreto

5.626/06.

O neologismo de sinais dentro da área esportiva fomenta a prática inclusiva, não obstante, fornece material para que os profissionais da área se tornem bilíngues. Este é o interesse maior dentro desta área e não somente adaptações de materiais e meras demonstrações realizadas por professores e intérpretes. ●

REFERÊNCIAS

BARBOZA, C. F. S. et al, Sports, Physical education, Olympic games, and Brazil: the deafness that still should be listened, Creative Education, 2015.

CERNY, Roseli, Zen Revista E-Curriculum: v. 4, nº. 2, 2009. <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

FERREIRA, E. L. (Org.) Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência; Confederação Brasileira de Dança em Cadeira

de Rodas, Mogi das Cruzes: 2011.

FRYDRYCH, L. A. K. - Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. ReVEL, v. 10, nº 19, 2012. [www.revel.inf.br].

ORLANDI, E. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 6 ed. São Paulo: Campinas, 2005.

RUMJANEK, V. e BARRAL, J. Glossário científico em Língua Brasileira de Sinais – Sistema Imune. Revista Espaço , nº39, p. 96, 2013.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, K. L. História dos Surdos: Representações 'Mascaradas' das Identidades Surdas. In: QUADROS, R.; PERLIN, G. (Orgs). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. <http://www.editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>

SITES ACESSADOS

http://www.deaflympics.com/ic_sd.asp?history, em 30 de novembro de 2015.

PARA CONHECER MAIS SOBRE OS CAS ACESSE:



<http://www.ines.gov.br/ines-e-cas-apresentacao>